**Comportamentos & espaços de morar:
leituras preliminares das e-pesquisas Nomads**

Marcelo Tramontano, Varlete Benevente. 2004

como citar este texto:

TRAMONTANO, M. ; BENEVENTE, V. A. . Comportamentos & espaços de morar: leituras preliminares das e-pesquisas Nomads. In: ENTAC'04, 2004, São Paulo. Anais, 2004. 210mmx297mm. 10 p. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/site/livraria/livraria.html>
Acessado em: dd / mm / aaaa

RESUMO

O artigo contextualiza e apresenta as duas e-pesquisas Nomads.usp sobre Comportamentos e Espaços de Morar, realizadas em 2001 e 2003 através do site do Nomads.usp na internet, comenta seus resultados e seu potencial enquanto ferramenta de revisão do programa de necessidades de grupos domésticos brasileiros contemporâneos. São sucintamente apresentadas alterações feitas na Segunda e-pesquisa após a aplicação e leitura dos resultados da Primeira, tanto no que se refere à temática das perguntas, quanto às estratégias de definição de perfis e de consulta à população.

COMPORTAMENTOS&ESPAÇOS DE MORAR: LEITURAS PRELIMINARES DAS e-PESQUISAS NOMADS

TRAMONTANO, Marcelo (1); BENEVENTE, Varlete (2)

(1) Prof. Dr., Departamento de Arquitetura e Urbanismo EESC Universidade de São Paulo. Coordenador do Nomads.usp Núcleo de Estudos sobre Habitação e Modos de Vida – tramont@sc.usp.br

(2) Profa. Dra., Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Uberaba. Pesquisadora do Nomads.usp Núcleo de Estudos sobre Habitação e Modos de Vida – varlete.ml@convex.com.br

Nomads.usp – SAP-EESC-USP Caixa Postal 359 13560-250 São Carlos SP nomads@sc.usp.br (16)273.8297

RESUMO

O artigo contextualiza e apresenta as duas e-pesquisas Nomads.usp sobre Comportamentos e Espaços de Morar, realizadas em 2001 e 2003 através do *site* do Nomads.usp na internet, comenta seus resultados e seu potencial enquanto ferramenta de revisão do programa de necessidades de grupos domésticos brasileiros contemporâneos. São sucintamente apresentadas alterações feitas na Segunda e-pesquisa após a aplicação e leitura dos resultados da Primeira, tanto no que se refere à temática das perguntas, quanto às estratégias de definição de perfis e de consulta à população.

Palavras-chave

habitação contemporânea | programa habitacional | consulta *via internet*

1. RECONHECENDO PERFÍS

As tantas e tão profundas transformações por que tem passado o perfil demográfico e os padrões comportamentais da nossa sociedade desde meados do século XX e, sobretudo, nas últimas décadas autorizam-nos a afirmar que as soluções projetuais de espaços de morar atualmente implantadas no Brasil, sejam ou não de baixo custo, foram, de uma maneira geral, ultrapassadas pela evolução dos costumes.

Os conceitos que ainda norteiam sua concepção espacial e tecnológica remontam ao modelo – internacionalmente difundido, aliás – da habitação burguesa européia do século XIX, resultando, em sua imensa maioria, em casas e apartamentos divididos em cômodos funcionalmente estanques – quartos, sala, cozinha e banheiros –, agrupados em zonas Social, Íntima e de Serviços, e executadas, principalmente, em alvenaria de tijolos cozidos ou de blocos de cimento. Além disso, a concepção de espaços domésticos, no Brasil de hoje, tem sido fortemente viesada por princípios enunciados pelo Movimento Moderno europeu da primeira metade do século XX, os quais, disseminados mundialmente, acabaram inibindo, até pela extrema conveniência da fórmula da habitação-tipo, qualquer questionamento sobre o assunto.

O desenho das unidades de habitação – tanto de casas como de apartamentos – permanece aproximadamente o mesmo há décadas, com uma clara redução da superfície total em função de razões diversas. Quando se trata de conjuntos habitacionais de interesse social, o papel dos órgãos públicos responsáveis por sua produção tem sido, basicamente, o de elaborar projetos urbanísticos, implantando no terreno unidades-padrão pré-definidas.

Nas raras ocasiões em que o projeto das unidades é solicitado a escritórios de Arquitetura, seja por encomendas, seja por meio de concursos, as inovações das propostas têm-se limitado ao uso de alguma técnica construtiva dita alternativa ou a novos desenhos de fachada incorporando traços da moda, sem que, contudo, a função, o desenho e a articulação dos espaços de habitar sejam sequer questionados.

Por seu lado, a classe média das grandes cidades vê-se confinada em casas e apartamentos cada vez menores, cuja estanqueidade funcional dos cômodos conflita-se com a crescente demanda por privacidade dos membros do grupo doméstico, confirmando um processo iniciado há vários séculos e, aparentemente, irreversível. Quartos de dormir cada vez menores abrigam mais e mais equipamentos e itens de mobiliário – mesas de trabalho, *racks* e estantes, além de televisores, aparelhos de som, telefones, eventualmente computadores, talvez conectados à internet –, lista mais ou menos completa segundo o poder aquisitivo dos moradores, confirmando a tendência a uma sobreposição de funções não planejadas nos espaços domésticos.

O fato é que atividades antes estranhas ao programa doméstico, como o trabalho remunerado, ajudado ou não por equipamentos de transmissão de informação à distância, têm forçado sua entrada em uma estrutura espacial antiga, concebida para um modo de vida que se baseava na assimetria de papéis do modelo familiar nuclear, no qual o pai provedor buscava fora de casa o sustento material da família, enquanto a mãe encarregava-se do gerenciamento da esfera privada.

Da mesma forma, é necessário perceber a crescente existência de uma vida doméstica descentralizada, progressivamente disseminada na cidade. Assim, atividades antes claramente domésticas, como a preparação e o consumo de refeições, têm-se deslocado para o exterior da habitação: cozinhar em casa parece tender a tornar-se uma atividade mais de convívio e de lazer, e menos de serviço – como ainda a consideram muitos professores de projeto de arquitetura –, realizada com amigos ou familiares em momentos selecionados. Em que parte da casa, então, localizá-la? Similarmente, o momento do banho parece dotar-se de um caráter de relaxamento, às vezes de sensualidade, que busca opor-se ao *stress* causado pelas diversas tensões quotidianas, o que convida-nos a rever o desenho e a localização do cômodo destinado a esse fim: relaxamento e prazer em um cubículo azulejado com janela diminuta e luz fria? A reflexão pode estender-se a todos os espaços da moradia atual.

A estas observações vêm somar-se algumas mudanças profundas, em curso neste início de século, que exigem do arquiteto um olhar mais atento e menos apoiado em certezas passadas, sobre o desenho do espaço doméstico.

Dessa forma, a e-pesquisa nomads se estrutura, atenta às transformações sociais e às conseqüentes mudanças nos modos de vida que merecem respostas arquitetônicas sensíveis à atual heterogeneidade de realidades, tentando articular experiências e comportamentos, impulsionado assim um processo de revisão tardio porém inevitável das propostas habitacionais.

1.1 Perfil demográfico e comportamental

Segundo GAUSA, 1998, as transformações mais significativas em relação aos espaços de morar fazem referência as modificações em curso na unidade familiar, com a consolidação de outros grupos familiares (como, por exemplo, casais homossexuais) e com o predomínio de casais sem filhos ou com número reduzido de filhos e a importância crescente do indivíduo sobre o grupo.¹ Basta notar a perda de espaço que a família nuclear convencional vem sofrendo no total de grupos domésticos do país.² De modelo absolutamente dominante até os anos 1970, sua participação vem caindo e não chega atualmente a 60%.³ Algumas razões deste fenômeno são elencadas por BERQUÓ (1989): *“a queda acentuada da fecundidade, o aumento da longevidade, a crescente inserção da mulher no mercado de trabalho, a liberdade sexual, a fragilidade cada vez maior das uniões, o individualismo acentuado, etc, são tendências que vêm atuando no sentido de alterar o tamanho, a estrutura e a função da*

¹ Sobre o crescimento da importância da noção do privado sobre o coletivo, ver: ARIÈS, 1981, RILEY, T. 1999.

² A transformação dos grupos familiares e as implicações espaciais decorrentes são tratadas por diversos autores como: RILEY, T., 1999; MOZAS, 1999; GAUSA, 1996; o mesmo autor 1998; TRAMONTANO, sd.

³ A porcentagem de casais com filhos foi, em 1999, de 55,8%, segundo a Síntese de Indicadores Sociais do IBGE. As famílias monoparentais representaram 16,7%, os casais sem filhos, 13,3%, e as pessoas sós, 8,4%. A participação das coabitações sem vínculo conjugal ou de parentesco permaneceu estável - 0,3% do total de grupos -, o que, no entanto, significa um aumento em números absolutos.

família". Ocorre que os 44,2% restantes não se referem a um único grupo, mas a uma grande e crescente variedade de arranjos familiares, cada vez melhor aceitos socialmente. Por outro lado, a própria família nuclear também não é mais a mesma, já que as relações entre seus membros têm se alterado essencialmente: os pais, por exemplo, que até há pouco tempo exigiam dos filhos obediência absoluta, agora preocupam-se mais com o êxito profissional da prole. Neste ponto, percebe-se uma progressiva substituição da idéia clássica de convivência e da diluição das estruturas hierárquicas familiares. O comportamento doméstico parece caminhar para a consolidação de atitudes capazes de favorecer a independência, tanto das ações e comportamentos, como das necessidades individuais⁴.

Esta diversidade de perfis, que se associa a uma diversidade ainda maior de modos de vida, abre-nos uma série de questões que, se por um lado ainda se encontram longe da agenda dos investidores imobiliários, e a anos-luz das preocupações daqueles que tomam as decisões no campo da habitação social no Brasil, nos levam a refletir sobre habitações mais adequadas funcional e espacialmente falando.

1.2 Trabalho em casa

A re-introdução do trabalho em casa, que recupera a união entre as atividades produtivas e as domésticas, na prática simboliza o fim da separação funcional da sociedade industrial e impõe uma reorganização tanto dos hábitos produtivos como dos espaços domésticos⁵.

Algumas condições vão facilitar a introdução do trabalho em casa, como: a revolução informática, que permitiu a comunicação virtual rápida e segura, transportando informações de forma ágil e fácil; o surgimento de profissões que permitem a escolha do lugar e horário independentes, sem prejuízo de desempenho e a própria condição das grandes cidades, que dificulta os deslocamentos e provoca grandes desgastes físico-emocionais nas pessoas⁶.

1.3 Mobiliário e equipamentos

A progressiva colaboração dos membros ativos na economia familiar, ao mesmo tempo em que dilui as referências hierárquicas, induz a necessidade de se reduzir as tarefas domésticas e repensar os espaços da casa, levados a converter-se, em certos casos, em verdadeiras áreas lúdicas (banho-ginásio, espaço de relaxamento ou cozinha-laboratório), facilitadas com a incorporação de aparatos tecnológicos.

Por outro lado, é clara a dificuldade de se apropriar de espaços domésticos reduzidos utilizando-se mobiliário e equipamentos convencionais, que excluem, portanto, na grande maioria dos casos, a sobreposição ou alternância de funções, provendo suporte apenas às atividades constantes do programa habitacional convencional. Mesmo nos casos em que o projeto arquitetônico prevê dispositivos visando uma possibilidade contínua de reorganização espacial, como divisórias móveis ou removíveis ou instâncias multiuso, o fato é que, ao inserir nesses espaços peças de mobiliário convencional, e, portanto, em geral, monofuncionais, o uso do cômodo é fixado, dificultando bastante ou mesmo excluindo-se a possibilidade de realização de novas atividades no interior doméstico.

1.4 Mídias e espaço doméstico

Grande fanfarra tem sido feita em torno dos dispositivos de automação residencial, especialmente pela imprensa leiga. A concepção destes dispositivos raramente inclui arquitetos ou estudiosos dos hábitos dos potenciais usuários, e acaba materializando possibilidades técnicas cujo real interesse ou impacto na vida quotidiana ainda está para ser avaliado. Trata-se, em boa parte dos casos, de itens destinados a proteger os moradores de uma violência urbana cuja dimensão é muitas vezes falsamente ampliada, visando justamente o aumento do consumo da idéia de proteção, que se materializa não apenas em casas supostamente mais seguras, mas também no lazer em *shopping centers*, na preferência por carros

---

⁴ Segundo TRAMONTANO, *sd* (p.9), o perfil deste novo usuário da habitação (resultante deste processo de transformação) seria um indivíduo que vive principalmente sozinho, que se agrupa eventualmente em formatos familiares diversos, que se comunica à distância com redes às quais pertence, que trabalha em casa mas exige equipamentos públicos para o encontro com o outro, que busca sua identidade através da informação.

⁵ *Ibidem*.

⁶ ASENSIO, 2001. Esta publicação traz 25 projetos de residências espalhados pelo mundo e projetados por arquitetos proeminentes no cenário da arquitetura contemporânea nas quais foram conciliadas as atividades de trabalho remunerado e a vida doméstica cotidiana.

blindados, na disseminação de condomínios fechados, no uso da cidade como espaço de passagem rápida e temerosa. Outros dispositivos oferecidos, como ambientações através de iluminação artificial e a possibilidade de acionamento de eletrodomésticos à distância, situam-se quase no universo dos *gadgets*, tal é a distância que os separa das reais necessidades decorrentes dos modos de vida dos habitantes. Paralelamente, fala-se muito de um aumento do uso das tecnologias de informação e comunicação na vida cotidiana, cuja face mais visível são, com certeza, os novos serviços de telefonia móvel, acessíveis a quase todas as classes sociais. De equipamentos de espaços, por força da necessidade de conexão a tomadas, os telefones passaram a equipar o indivíduo, e fica a pergunta sobre quais outras mídias tem utilizado o brasileiro em seu espaço doméstico, com que finalidades, e com que frequência.

1.5 Avaliações pelo usuário

Pouca ou nenhuma atenção tem sido dada, no Brasil, aos processos de avaliação do espaço de morar, em suas diversas fases – da concepção ao uso – e em seus diversos componentes – edifício, mobiliário/equipamentos, redes, etc, limitando-se, em geral, a verificações técnicas do sistema construtivo e de seus componentes. Nos raros casos em que uma avaliação mais abrangente é realizada, seus resultados parecem ser utilizados mais raramente ainda na concepção de novos projetos, e, de qualquer forma, provavelmente nunca os usuários terão acesso a eles. Além de informar conceptores, políticos e investidores, estes resultados poderiam auxiliar o morador no processo de apropriação dos espaços de sua própria casa.

2 RECONSTRUINDO PROGRAMAS

O Nomads.usp, Núcleo de Estudos sobre Habitação e Modos de Vida, da Universidade de São Paulo, tem procurado entender, analisar e produzir critérios que visam repensar o desenho dos espaços da habitação contemporânea, considerando sua história recente e as transformações ocorridas nos grupos familiares – a partir da chamada Revolução Industrial européia –, e suas atuais tendências comportamentais. Envolvendo alunos de graduação e de pós-graduação, além de professores de diversas instituições, o Núcleo tem desenvolvido vários trabalhos sobre critérios de redesenho dos espaços e do mobiliário doméstico, propondo, além de novas estruturas espaciais, a elaboração de um repertório construtivo que priorize preocupações de cunho ambiental. Igualmente, o Nomads.usp tem se dedicado a mapear as principais modalidades habitacionais metropolitanas, tomando como referência principal a metrópole paulistana, através de análises qualitativas e quantitativas de seus espaços mas também da evolução dos hábitos de seus moradores. Neste sentido, edifícios e conjuntos de apartamentos e *flats*, conjuntos horizontais de habitação, abrigando população de todas as classes sociais, constituem objeto dos estudos em curso e de outros já concluídos pelo Núcleo, concentrados em três linhas de pesquisa: Habitação Metropolitana, Habitação e Virtualidade, e Habitação e Ambiente.⁷

Dentro desse contexto, o trabalho apresentado aqui ilustra uma fração de pesquisa em curso que se dispõe a desenvolver uma ferramenta para obtenção de dados inéditos no Brasil relacionando comportamento atual e espaços de morar, revelando desejos inconfessos, necessidades espaciais incorporadas pela presença das mídias no cotidiano de todos e ainda não atendidas nos programas de necessidades consagrados para projetos habitacionais.

Assim esta pesquisa complementa o rol de trabalhos na área de comportamento e espaços de morar, alimentando os demais com dados inéditos e exclusivos sobre o assunto, além de seus resultados poderem ser utilizados como uma ferramenta no ensino e pesquisas de propostas habitacionais.

Trata-se de uma pesquisa de coleta de informação implantada, inicialmente, em plataformas informacionais de obtenção e construção de bancos de dados. Estes estão sendo obtidos a partir da aplicação de um questionário eletrônico. O contato é feito via e-mail, e os questionários enviados para um *site* coletor que os organiza e os tabula segundo critérios programados e pré-estabelecidos.

A pesquisa foi estruturada de maneira que seja desenvolvida em etapas independentes porém inter relacionadas, de forma que ao término de cada uma, seja possível obter resultados aplicáveis.

---

⁷ Uma visão mais completa das linhas de pesquisa do Nomads.usp e de seus pesquisadores, encontra-se disponível em seu *site*, no seguinte endereço: <http://www.cesc.usp.br/nomads>.

A decisão pela realização de pesquisas através da *internet* justificou-se, inicialmente, por três razões principais: 1. Seu baixíssimo custo e pequeno envolvimento de pessoal, contrariamente às consultas tradicionais que envolvem grande número de entrevistadores, com custos diretamente proporcionais; 2. A facilidade de recuperação, tratamento e cruzamento de dados, prerrogativa do meio computacional, que elimina o extenso trabalho da tabulação convencional; e 3. A suposição de que, sozinho diante de um computador, o respondente poderia sentir-se mais à vontade para informar sobre aspectos de sua intimidade, sem a presença eventualmente inibidora de um entrevistador.

2.1 E-pesquisas: procedimentos

O objetivo geral dessa pesquisa é a construção de um banco de dados inéditos, atualizado e específico sobre comportamento e espaços de morar de maneira a suprir a ausência de informações seguras, estatisticamente confiáveis e de fácil acesso sobre o assunto. Além de buscar medir como estão se transformando a comunicação interpessoal e como as pessoas, em todas as classes sociais, estão se relacionando com os meios informatizados. A difusão de centros de difusão da informática pelo país propiciou democratizar um pouco mais o acesso maior às mídias

Testar o meio eletrônico e suas interfaces como facilitadores de pesquisas que necessitem de consultas diretas à população envolvida, como por exemplo, avaliação de aceitação de propostas espaciais e tecnológicas, envolvimento e reflexo das mídias no cotidiano doméstico e nas suas relações comunitárias.

O objetivo geral deverá ser atingido através de um processo acumulativo de busca de dados que está apenas no seu início.

Do ponto de vista operacional, estão estruturadas em plataformas informacionais que podem ser acessados através do site <http://www.eesc.usp.br/nomads/2epesquisa.htm>. Os dados são obtidos através de questionário eletrônico e enviados para um site coletor que organiza e tabula segundo critérios programados e pré-estabelecidos. Por se tratar de um questionário eletrônico, este foi desenvolvido para ser respondido on line e que contempla aspectos comportamentais e de uso de equipamentos e espaços da casa além de buscar definir mais claramente o perfil sócio-econômico do respondente.

As e-pesquisas nomads comportamento & espaços de morar foram realizadas via *internet*, através do site do grupo, durante os meses de outubro e novembro de 2001, primeira versão e 10 de maio até 30 de junho de 2003, segunda versão. Inicialmente a divulgação da e-pesquisa foi feita utilizando-se de *e-mails* enviados diretamente pelo Nomads.usp, matérias em jornais e revistas de grande circulação, tanto especializadas na área de arquitetura, quanto direcionadas ao público leigo. No entanto, apenas 11,49% dos entrevistados declararam ter tido conhecimento através de jornais ou revistas, enquanto que a grande maioria (47,45%) soube através de amigos, sem especificar o meio de comunicação. Uma outra parcela significativa (16,17%) soube da pesquisa ao visitar o site do Nomads.usp, e 12,55% foram informados em suas escolas.

Na segunda etapa, buscou-se explorar mais o potencial do meio eletrônico para divulgação da pesquisa e utilizou-se, principalmente, de e-mailing lists pessoais, de empresas e de instituições, além de contar, também, com matérias publicadas em jornais e revistas. O retorno obtido foi bem maior, praticamente duas vezes do total de respondentes da primeira versão.

Um passo bastante importante no sentido de abrangência da amostra foi a inclusão dos infocentros e CDIs do Estado de São Paulo além dos telecentros da cidade de São Paulo através de uma parceria com a COHAB de lá. Para os demais Estados foram também contatados outros centros de difusão da Internet existentes e conhecidos em cada um.

A pesquisa procurava, inicialmente, abranger a totalidade do território nacional e as diversas faixas de renda, níveis de escolaridade e faixas etárias, dentro dos limites restritos da comunicação *via internet*. Foi utilizado o princípio da amostra livre e sua divulgação ficou restrita às listas pessoais dos pesquisadores do grupo. Portanto sua abrangência e extrapolação ficam limitadas ao público respondente. Na segunda edição da consulta alguns ajustes foram efetuados nos procedimentos metodológicos de forma a garantir extrapolações seguras dos resultados, concentrando-se principalmente na região sudeste, além de garantir maior alcance social da pesquisa a partir dos convênios com os infocentros e telecentros e CDIs.

Outro ajuste efetuado foi em relação à própria estrutura eletrônica de tabulação dos resultados que foi alterada para que se pudesse manter a grande variedade de opções de resposta.

A priorização dos aspectos contemplados nas duas etapas das e-pesquisas implantadas segue as preocupações e demandas de informações percebidas pelas diferentes pesquisas e áreas de atuação do grupo e na segunda etapa incorpora um número maior de questões vinculadas ao uso do computador em casa e de um possível reflexo desta utilização sobre o comportamento e uso dos espaços domésticos.

Foram incluídas diversas perguntas sobre o uso de mídias no espaço doméstico e na vida cotidiana, relacionando-o a padrões comportamentais. Além de questões visando mensurar a frequência e o local de acesso à rede, procurou-se averiguar a intensidade dos contatos interpessoais efetuados *online*, através de perguntas como: "Entre as cinco pessoas que considero mais íntimas está alguém que conheci pela *internet*?", "Já experimentei relações de amizade, namoro ou outro tipo de relacionamento pela *internet*?", ou ainda, complementando essa última: "Esta relação virtual passou a acontecer também pessoalmente?"⁸ Também foram incluídas três perguntas que visam verificar em que medida a comunicação entre o entrevistado e seus familiares, amigos e colegas de trabalho tem sido intermediada por dispositivos de telecomunicação, e em que frequência.

Finalmente, foi incluída, na Segunda e-pesquisa, a possibilidade de o respondente fazer livremente comentários ou sugestões para melhorar a consulta, que serão utilizados na elaboração da Terceira e-pesquisa, em 2004.

A carência de dados confiáveis e disponíveis, o interesse gerado em diferentes segmentos da área e a considerando a qualidade e aplicabilidade do que já se obteve como resultado faz com que se consolide a intenção de transformar esta experiência de pesquisas isoladas (anuais) em pesquisas constantes e especializadas.

Ao invés de questionamentos gerais que deveria abranger um grande conjunto de aspectos (alongando o questionário dificultando a tabulação de dados e sobrecarregando a transmissão de informações) está sendo analisada a possibilidade da diluição da pesquisa em etapas especializadas em assuntos priorizados, ex. uma só sobre influência das mídias sobre o comportamento e espaços da casa, outra sobre ambientes e atividades que fazem parte do cotidiano das pessoas, etc.

Desta forma a construção do banco de dados sobre comportamento e espaços de morar se tornaria permanente e sempre atualizada.

2.2 E-pesquisas: resultados

O pesquisado majoritário para as duas versões já realizadas tem entre 16 e 35 anos, concluiu ou está realizando estudos de nível superior, e tem renda familiar mensal acima de vinte salários mínimos. Com a disseminação crescente da implantação de telecentros e infocentros em diversas cidades do país, esse perfil vem se alterando rapidamente, e, graças a parcerias com diversos organismos governamentais e ONGs trabalhando na área, espera-se que cada vez mais seja possível consultar, nas próximas e-pesquisas, uma parcela bem maior de pessoas pertencentes às classes sociais mais pobres do país. Metade deles moram em casas, e outra metade em apartamentos, revelando um perfil bastante equilibrado, ainda que os primeiros sejam principalmente proprietários de seus imóveis. Os principais grupos domésticos estão também representados: a família nuclear é majoritária, seguida de casais sem filhos, pessoas vivendo sós e famílias monoparentais. A coabitação de pessoas sem vínculo conjugal e parentesco, expressiva na primeira e-pesquisa, situa-se em último lugar na segunda.

A pesquisa indica que as habitações desta população costumam abrigar de dois a quatro ocupantes (65,64%-A e 72,75%-B)⁹, e ter três dormitórios (44,68%-A e 45,56%-B), e dois banheiros (57%-A e 36,77%-B) o que confirma o perfil de casas ou apartamentos, não necessariamente de alto padrão, abrigando um casal sem filhos, ou com um ou dois filhos. A maioria dos entrevistados possui um

⁸ É claro que se trata de uma relação interpessoal, desenvolva-se ela no plano virtual ou no plano concreto. No entanto, é necessário precisar que, em diversos casos, preferiu-se abandonar o rigor acadêmico na redação das perguntas em prol de um entendimento mais imediato por parte dos consultados. Dificuldades de compreensão foram detectadas e corrigidas durante a fase de pré-teste.

⁹ Em todo o artigo, as porcentagens relativas à Primeira e-pesquisa serão assinaladas com a letra A e as relativas à Segunda e-pesquisa, com a letra B.

(38,30%-A e 40,07%-B) ou, no máximo, dois (30,85%-A e 32,20%-B) automóveis, o que legitimaria esta conclusão.¹⁰ 63,40%-A e 60,46%-B dos entrevistados possuem um ou dois televisores. Na segunda e-pesquisa possuidores de 1, 2 e 3 televisores somam 82%-B: no primeiro caso, percebe-se que boa parte encontra-se no dormitório e não mais na sala de estar, o que reforça a tendência de uso individualizado desse aparelho (48,30%-B declararam assistir TV no quarto), confirmado pela constatação de que um em cada três entrevistados (35,74%-B) possui três ou mais aparelhos em habitações com três dormitórios.

Apenas 8,09%-A e 15,70%-B dos entrevistados não possuem aparelho de rádio em casa, e dois em cada três declararam utilizá-lo em seus momentos de lazer em casa, o que constitui uma porcentagem surpreendentemente alta (59,79%-A e 54,76%-B). Seu uso é mais freqüente entre os adolescentes e jovens de 16 a 24 anos (74,36%-A e 68,44%-B das respostas nessa faixa etária). No que se refere ao uso de mídias em atividades de lazer em casa, aliás, o televisor é o grande campeão, com 88,09%-A e 88,34%-B das respostas, seguido pela leitura de livros e revistas (76,81%-A e 73,76%-B), e pelo uso de microcomputador conectado à *Internet* (63,19%-A e 66,74%-B). A leitura de jornais é declarada por 57,23%-A e 47,15%-B dos respondentes, e o uso do telefone por apenas 43,40%-A e 42,04%-B.

Um em cada quatro respondentes ainda não possui microondas (25,32%-A e 24,85%-B). O *freezer*, provavelmente por seu preço alto e consumo energético elevado, continua ausente da casa de 45,96%-A e 43,75%-B dos entrevistados. Curioso, no entanto, é constatar que 61,28%-A e 68,65%-B não possuem lava-louças, um eletrodoméstico relativamente barato e de baixo consumo energético.

O próprio quarto é o local preferido de isolamento para em torno de 50% dos entrevistados das duas versões da pesquisa. Além de dormir e vestir-se, a atividade mais comum neste espaço é ler ou escrever coisas não relacionadas com trabalho ou estudo (74,47%-A e 74,77%-B). Sexo (67,87%-A e 56,52%-B) e falar ao telefone (59,36%-A e 54,28%-B), são, na ordem, as demais atividades aí realizadas. Os adolescentes e jovens de 16 a 23 anos usam o espaço do quarto para ouvir música (76,07%-A e 78,00%-B), leituras não relacionadas a atividades escolares (73,50%-A e 72,22%-B), e estudar (72,75%-A e 76,89%-B). Seja como for, é importante perceber a enorme sobreposição de funções neste espaço, que abriga cada vez mais novas atividades: apenas 4,89%-A e 0,67%-B declararam que costumam usá-lo só para dormir.

O uso do computador no espaço doméstico parece ser uma realidade comum para a maioria dos consultados: apenas 8,94%-A e 12,29%-B declararam não possuir computador em casa. Isso não confirma, necessariamente, a tendência de trabalho em casa, já que 45,32%-A e 55,56%-B dos respondentes declararam não utilizar o computador para trabalho remunerado. 22,55%-A e 26,82%-B têm o computador em seu quarto, conectado à *internet*, e 16,17%-A e 17,24%-B comunicam-se com outras pessoas através da rede mundial de computadores.

Perguntados sobre a importância de se garantir individualidade aos dois membros de um casal, os entrevistados emitiram opiniões divergentes, segundo a região do país. Enquanto os respondentes das regiões Sul reconhecem esta importância (98,36%-A e 85,39%-B), os habitantes da região Norte parecem menos convencidos dela, já que apenas 87,10%-A e 76,78%-B responderam sim¹¹. Mais da metade dos entrevistados vêem com bons olhos o uso de *closets* e armários individuais, ou de espaços individuais de trabalho para os membros do casal (52,34%-A e 50,61%-B).

A maior parte dos entrevistados permanece, ao todo, entre 10 e 30 minutos no banheiro por dia, incluindo o banho (52,34%-A e 52,47%-B), que parece ser visto tanto como um momento de relaxamento quanto de higiene (em torno de 50,00% nas duas versões da pesquisa). Quando perguntados sobre o que este espaço não tem e que eles gostariam que tivesse, 71,49%-A e 65,09%-B mencionaram uma banheira, 56,38%-A e 53,06%-B, uma vista para uma paisagem bonita, e 39,15%-A e 31,77%-B, um jardim interno.¹² Duas considerações podem ser feitas sobre estes dados: 1. Estes três dispositivos estimulariam uma permanência mais longa no banheiro, provavelmente ultrapassando os trinta minutos diários, e certamente diminuindo ainda mais o seu caráter restrito de espaço de higiene e de curta permanência; 2. Pode-se imaginar que os respondentes não estão exatamente solicitando a

¹⁰ Destaca-se que 14,26% (A) e 14,95% (B) não possuem automóveis, e apenas 16,60% e 12,77% possuem três ou mais veículos.

¹¹ Os números para a região Centro-Oeste são 94,44%-A e 79,91%-B, e para a região Sudeste, 92,78%-A e 84,00%-B.

¹² Apenas na segunda e-pesquisa foi dada a alternativa "mais espaço", que auferiu 56,20%, sendo a segunda mais escolhida.

inclusão de um jardim interno em seu banheiro atual, supondo que se trata de um banheiro de pequenas dimensões, típico da habitação de três dormitórios de padrão médio descrita anteriormente. Neste caso, pode-se entender que estas respostas expressam uma vontade de possuir um espaço mais amplo, com vista e jardim, onde se possa relaxar e fazer sua higiene pessoal, o que constitui um lugar absolutamente inexistente na atual habitação urbana brasileira de padrão médio. Uma pista para o desenho deste novo espaço talvez esteja sendo dada pelos 24,89%-A e 22,99%-B que manifestaram desejo de ter uma divisória móvel integrando o banheiro com seu quarto. É ainda significativo notar que apenas 16,81%-A e 9,15%-B dos respondentes afirmaram que seu banheiro é normal e suficiente para suas necessidades.

Na maioria das habitações, cozinhar é uma atividade diária, realizada por uma pessoa do grupo familiar (29,36%-A e 37,57%-B) ou por uma empregada (29,15%-A e 24,00%-B). Esse equilíbrio entre as duas alternativas vai se alterando em função das diversas faixas de renda.

A percepção geral de que os *singles* tendem a cozinhar menos em casa se confirma: 57,89%-A e 42,31%-B comem fora de casa no almoço e em casa no jantar; e 15,79%-A e 18,59%-B comem fora de casa no almoço, e normalmente não jantam. Na segunda e-pesquisa, 10,26% declararam comer fora de casa tanto no almoço como no jantar, perfazendo um total de 71,16% de *singles* preferindo almoçar fora de casa. Nos fins de semana, estes números apenas se acentuam. Dentro do espaço da habitação, o lugar onde a grande maioria das pessoas costuma fazer suas refeições é a cozinha (61,28%-A e 62,32%-B), seguido da sala de jantar (44,89%-A e 41,25%-B) e sala de TV (40,43%-A e 45,18%-B). Os jovens entre 16 e 23 anos demonstram comer com frequência no quarto (29,06%-A e 37,33%-B), seguidos das pessoas que vivem sós (27,45%-A e 32,69%-B).

Ainda sobre a cozinha, 51,70%-A e 45,13%-B dos respondentes manifestaram desejo de que ela tivesse uma vista para uma paisagem bonita e 24,04%-A e 16,39%-B gostariam que uma divisória móvel a integrasse com o jardim ou com uma varanda, o que aponta para uma vontade de relação entre este espaço e um exterior prazeroso, desvinculando-o da idéia convencional de espaço de serviços.¹³ Tomam-se refeições na cozinha, como foi visto acima, mas aparentemente deseja-se que essas refeições se façam em um local menos confinado, com qualidades estéticas. A relação com o exterior, mediatizada por equipamentos de telecomunicação, é mencionada por 27,87%-A e 26,34%-B dos entrevistados que desejariam ter uma TV em sua cozinha, e 25,96%-A e 21,55%-B que desejariam um telefone neste espaço. Sua integração com a sala de estar é vista, pelos entrevistados, de uma forma ambígua: 14,68%-A e 16,76%-B gostariam de viabilizá-la através de uma divisória móvel, que, aberta, suprimiria os limites entre os dois cômodos. Já 32,13%-A e 33,53%-B prefeririam um balcão que, mesmo permitindo uma ligação visual, ainda significa uma porção de vedação opaca.

Finalmente, perguntada sobre o sentido mais amplo de habitação, a maioria o identificou como “o lugar onde estão pessoas que lhe interessam” (28,30%-A e 31,88%-B). Em seguida, 22,77%-A e 21,45%-B responderam “o lugar onde passo a maior parte do meu tempo” e 22,55%-A e 18,95%-B, “o lugar onde estão meus pertences”. A primeira alternativa valoriza mais o convívio social, a segunda tem um caráter mais funcionalista, enquanto que a terceira expressaria uma visão acentuadamente materialista e individualizada do espaço doméstico. Diante destas escolhas, 15,32%-A e 13,25%-B preferiram responder que habitação “não é um lugar definido”. A percepção da habitação, principalmente, como o “produto de um investimento material” é inversamente proporcional às faixas de renda: entre os respondentes com renda familiar mensal de até 5 salários mínimos, esta é a opinião de 11,11%-A e 11,94%-B, enquanto que entre os de renda mensal acima de 20 salários mínimos, apenas 2,56%-A e 2,95%-B.

Na Segunda e-pesquisa, quis-se verificar mais detalhadamente os usos das novas tecnologias de informação e comunicação no cotidiano dos respondentes. Para isso, foram acrescentadas 9 questões abordando temas como a comunicação e o trabalho *via internet*. 48,00% dos respondentes costumam acessar a rede várias vezes ao dia, o que, apesar de diferir em muito da média nacional, é compreensível em função dos objetivos da pesquisa. Esse acesso se faz, prioritariamente, de casa (73,44%) ou do local de trabalho (57,74%). A comunicação *via internet* é raramente utilizada entre moradores de uma mesma habitação (1,01%). No entanto, essa porcentagem aumenta na comunicação com familiares e amigos não-coabitantes (17,61%) e com colegas de trabalho (20,76%). Com pessoas

---

¹³ Na segunda e-pesquisa, a opção “que se abrisse para um jardim ou quintal” foi escolhida por 33,32% dos respondentes, confirmando a tendência mencionada.

estranhas, esse valor sobe para 30,92%, o que mostra que a internet vem sendo preferida para o estabelecimento de novos contatos. É também evidente a proporcionalidade entre o uso da rede e o grau de intimidade entre as pessoas envolvidas, confirmado pelos 90,31% de respondentes que afirmaram não contar, entre as cinco pessoas mais íntimas, com alguém conhecido via internet.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As e-pesquisas Nomads Comportamento & Espaços de morar revelaram-se ferramentas importantes para a tarefa de re-formulação de programas habitacionais. Elas apontam descontentamentos diversos dos usuários com relação aos seus espaços domésticos atuais, e deixam entrever algumas de suas aspirações através da combinação e do cruzamento de diversas respostas. O valor dessa consultas não é apenas quantitativo, mas sobretudo qualitativo, reafirmando a enorme diversificação de padrões comportamentais que se encontram em curso na sociedade brasileira, como, de resto, em muitos outros países ocidentalizados.

Já foi dito que o número de atividades realizadas no interior doméstico tem aumentado bastante, por diversas razões, alterando o uso dos cômodos tradicionais, o que sugere, por si só, que a estanqueidade funcional herdada de modelos pretéritos – "quarto para dormir", "cozinha para cozinhar", "banheiro para higiene", etc. – precisa ser urgentemente revista. Talvez não faça mais muito sentido seguirmos classificando os cômodos da casa em lugares de curta ou de longa permanência, e isso quer dizer que sua orientação solar, e, com certeza, seu dimensionamento e sua relação com os demais espaços também precisam referenciar-se em mais critérios. Tudo indica que, cedo ou tarde, deveremos começar a imaginar novos espaços domésticos, onde nossos entrevistados, que são, afinal, uma amostra da população do país, possam, por exemplo, morar melhor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIÈS, P. "Por uma história da vida privada". In: ARIÈS, P.; DUBY, G. (org.) **História da vida privada: Da Renascença ao séc. das luzes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1981. v.3. p.7-19.
- ASENSIO, P. **Espaços para viver e trabalhar**. Barcelona: GG – Editorial Gustavo Gili, 2001. 174p.
- BECHTEL, R. R. **Environment & behavior: an introduction**. California: Sage, 1997.
- BENEVENTE, V. A. **Derivações da avaliação pós-ocupação (APO) como suporte para verificação da aceitação de propostas habitacionais concebidas a partir de soluções espaciais e tecnológicas não usuais**, São Paulo, 2002. Tese (Doutorado em Estrutura Ambientais e Urbanas) FAUUSP, São Paulo.
- BERQUÓ, E. A família no século XXI: um enfoque demográfico. In: **Revista Brasileira de Estudos de População**. N. 2. V.6. São Paulo, 1989.
- ELEB VIDAL, M. **Penser L'Habité**. Liège: Pierre Mardaga Editeur, 1986.
- GAUSA, M. Housing: new urban systems. **Quaderns D' Arquitectura I Urbanisme**, Barcelona: Col·legi D'Arquitectes de Catalunya, n. 211, p.50 – 63, 1996.
- GAUSA, M. **Housing: nuevas alternativas, nuevos sistemas**. Barcelona: Actar Publishers, 1998. 269p.
- LLEÓ, B. **Sueño de habitar**. Barcelona: Fundación Caja de Arquitectos, 1998. 205p.
- ORSTEIN, S. W. **Desempenho do Ambiente Construído, Interdisciplinaridade e Arquitetura**. São Paulo: FAUUSP, 1996.
- PREISER, W. F. E. **Building Evaluation**. New York: Plenum Press, 1989.

SUSTERSIC, P. Siglo XXI. Arquitectura en la era de la información. **REVISTA DC** – Revista Semestral de Crítica Arquitectónica (El Presente en construcción), Barcelona: Departamento de composición Arquitectónica, n. 5 – 6, p. 35-61, 2001.

TRAMONTANO, M. **Habitações, metrópoles e modos de vida**. Texto Premiado no IIIº Prêmio Jovens Arquitetos Brasileiros do Museu da Casa Brasileira. São Paulo [s.d.]; mimeo. 10p.

TRAMONTANO, M. **Novos modos de vida, novos espaços de morar: Paris, São Paulo, Tokyo**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). São Paulo: FAUUSP, 1998.

TRAMONTANO, M., BENEVENTE, V., SANTOS, D. M. À primeira vista: procedimentos metodológicos e resultados de avaliação de impressão. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL PSICOLOGIA E PROJETO DO AMBIENTE CONSTRUÍDO, 2000, RIO DE JANEIRO. **Anais**. CD-Rom. Rio de Janeiro: ProArq-UFRJ, 23 a 25 de agosto de 2000.

TRAMONTANO, M., BENEVENTE, V., SANTOS, D. M. À primeira vista: procedimentos metodológicos e resultados de avaliação de impressão. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL PSICOLOGIA E PROJETO DO AMBIENTE CONSTRUÍDO, 2000, RIO DE JANEIRO. **Anais**. CD-Rom. Rio de Janeiro: ProArq-UFRJ, 23 a 25 de agosto de 2000.